



Fundação Presidente Antônio Carlos-FUPAC
Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá-FUPAC
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**INFLUÊNCIA DAS PRÁTICAS PARENTAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA
AUTOESTIMA EM ADOLESCENTES**

Influence of parental practices for development of self-esteem in adolescents

Angélica Vieira da Silva¹; Daniela de Souza Araújo¹; Marília Barroso de Paula².

¹ Acadêmica do curso de graduação em Psicologia.

² Psicóloga. Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Psicologia pela UFJF. Docente da Fundação Presidente Antônio Carlos FUPAC.

RESUMO

O indivíduo desenvolve-se a partir de suas primeiras relações. Os pais, como as primeiras figuras de referência, exercem um papel fundamental na constituição da personalidade dos filhos. Sendo assim, as práticas parentais de cuidado e superproteção interferem no desenvolvimento de seu autoconceito e autoestima, podendo estabelecer-se de forma positiva ou negativa. Este estudo objetivou verificar a relação entre as práticas parentais e o desenvolvimento da autoestima em adolescentes. Participaram dessa pesquisa 42 adolescentes, estudantes do terceiro ano do ensino médio de uma escola de rede pública da Zona da Mata de Minas Gerais, sendo 22 do sexo feminino e 20 do sexo masculino, com idades entre 17 e 18 anos. Foram aplicados os questionários sociodemográficos, *Parental Bonding Instrument* (PBI) e a Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR). Os resultados obtidos indicaram que os aspectos em relação ao cuidado parental têm relação significativa com a autoestima dos adolescentes.

Palavras chave: autoestima, práticas parentais, adolescentes, cuidado.

ABSTRACT

The individual develops from his first relationships. Parents, as the first reference figures, play a fundamental role in the constitution of their children's personality. Thus, parenting practices of care and overprotection interfere in the development of their self-concept and self-esteem, which can be positively or negatively established. This study aimed to verify the relationship between parenting practices and the development of self-esteem in adolescents. Forty-four high school students from a public school in the forest area of Minas Gerais participated in this research, 52% female and 48% male, aged 17 to 18 years. The sociodemographic questionnaires, Parental Bonding Instrument (PBI) and the Rosenberg self-esteem scale were applied. The results indicated that the aspects related to parental care are significantly related to the self-esteem of adolescents.

Keywords: self-esteem, parenting practices, adolescents, care.

Endereço para correspondência: Angélica Vieira da Silva
AV. Senador Levindo Coelho, 111, Chiquito Gazola, Ubá-MG. CEP:36506-100
Email: angelicavieira98@hotmail.com

Daniela de Souza Araújo
Av. José Rezende Brando, 771, AP. 102, Bom Pastor. Ubá-MG. CEP:36504-178
Email: daniharaujo1@gmail.com

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano não pode ser considerado apenas pelos aspectos internos do sujeito. As relações sociais, os processos biológicos e interpessoais são aspectos fundamentais para o desenvolvimento integral do sujeito, além do papel que os pais exercem no desenvolvimento cognitivo e psicossocial do indivíduo. Na adolescência, apesar da busca pela autonomia e distanciamento dos pais, a qualidade dessa relação assume um aspecto importante na formação do autoconceito, da autoestima e na adaptação social (Maia & Soares, 2019).

No grupo familiar, origina-se a intersubjetividade do indivíduo e permite-o diferenciar-se e completar-se, construindo sua identidade pessoal. A criança, anteriormente como ser indiferenciado, necessita dessas primeiras relações para tornar-se ela mesma (Osti & Sei, 2016). Entretanto, podem ocorrer dificuldades no desempenho das funções paternas, sobretudo no que diz respeito ao desempenho de funções como autoridade e provedores afetivos (Gutierrez, Castro & Pontes, 2011).

Segundo Bowlby (2009), a relação estabelecida entre a criança e sua figura de cuidado traz um impacto positivo ou negativo, pois o infante identifica se a figura de apego é confiável ou não. Quando, na percepção do bebê, a figura de apego é confiável, sentir-se-á mais seguro para explorar o mundo, resultando em um desenvolvimento saudável.

A criança que vivenciou um ambiente afetivo terá mais facilidade nos relacionamentos e maiores chances de ter bons convívios sociais. A afetividade recebida pela figura materna na infância será perpetuada nos diversos ciclos da vida, auxiliando na construção de relacionamentos embasados nas experiências com os cuidadores primários. Do contrário, as crianças que não recebem essa afetividade podem se tornar adultos antissociais e inseguros em relação a si e aos outros (Oliveira, Siqueira & Zandonadi, 2017).

Dentro do processo de socialização da criança, estão presentes duas atitudes parentais significantes frente à disciplina/controle e às atitudes de afetividade. As atitudes parentais frente aos filhos, como a promoção de autonomia ou intensa vigilância, afeição e carinho ou frieza e rejeição, permitem identificar o vínculo parental que contribui para o desenvolvimento da autoestima na criança (Teodoro, Benetti, Scharz & Mônico, 2010).

A família, enquanto contexto de referência, tem importante papel no desenvolvimento psicossocial e cognitivo da criança; dessa maneira, a qualidade das relações estabelecidas na

infância entre pais e filhos, seus estilos e práticas parentais têm grande relevância no estabelecimento de sua autoestima na adolescência (Mendes & Dias, 2018).

Rosemberg (1965) conceitua a autoestima como sendo a percepção de valor que o indivíduo tem dele mesmo, percepção essa advinda de sua própria imagem corporal, da aceitação da coletividade e de sua habilidade de adaptação; está relacionada às ideias e atitudes expressas em seus laços sociais. Ela começa a desenvolver-se na infância. Na primeira e segunda infância, os pais têm papel crucial na constituição da autoestima, pois é a partir do julgamento dos adultos que esta criança irá basear seu autoconceito tendendo a não se basear na realidade. É na terceira infância que a autoestima se torna mais realista, e as avaliações são feitas com base nas internalizações dos padrões parentais e sociais, passando a delinear sua percepção de valor pessoal (Papalia & Feldman, 2013).

A autoestima tem maior repercussão na infância, recebendo influências das experiências pessoais, pelo modo como somos tratados e pela forma como os pais atribuem e externam a imagem que possuem da criança. Entre os 12 e os 17 anos, a autoestima pode sofrer picos de decaída, principalmente devido à fase da adolescência ser uma fase de inconstâncias, em que se está formando a personalidade (Rangel, 2018). Tais transformações podem produzir perturbações na autopercepção e na sua autoestima, podendo ocorrer distorções da visão de si (Erikson, 1972).

Nessa fase, a base segura das relações primárias é essencial para o desenvolvimento da visão segura de si. Sentindo-se mais seguros para explorar a autonomia, aumentam-se seus níveis de autoeficácia e autoestima. A vinculação positiva entre pais e adolescentes auxilia no processo de desenvolvimento da autoestima durante esse período, visto que a saída da infância e a transição para a vida adulta é repleta de transformações que se dão nos âmbitos biológicos, cognitivos e sociais, contribuindo diretamente na formação do autoconceito e da identidade (Bento, 2014).

O objetivo do estudo foi analisar a relação entre as práticas parentais e o desenvolvimento da autoestima nos adolescentes, usando como método os estudos de revisão e os estudos de campo. A correlação foi realizada por meio de dados obtidos pelos questionários sociodemográficos, *Parental Bonding Instrument* (PBI) e Escala de autoestima de Rosemberg (EAR), visando a contribuir para um melhor desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, com intervenções psicológicas preventivas, como orientações de pais a fim de aperfeiçoar as práticas parentais em relação aos seus filhos.

MÉTODOS

Participantes

Participaram desta pesquisa 42 adolescentes, com idades entre 17 e 18 anos. Todos os participantes provenientes do terceiro ano do ensino médio de uma escola de rede pública de uma cidade de médio porte da região da Zona da Mata de Minas Gerais.

Instrumentos

a) Questionário *Parental Bonding Instrument* (PBI): foi desenvolvido por Parker, Tupling e Brown (1979), baseado na teoria da Vinculação de John Bowlby. É um instrumento autoaplicável, que tem o intuito de avaliar, por meio da percepção dos adolescentes, o cuidado recebido pelos pais até seus dezesesseis anos, avaliando, separadamente, a percepção sobre o pai e a mãe. O questionário é constituído por 25 itens que compõem as escalas que avaliam o Cuidado (12 itens) e Superproteção (13 itens), sendo que a escala do cuidado corresponde à habilidade dos pais a estarem atentos e presentes emocionalmente com os filhos e a escala de superproteção corresponde à tendência dos pais a serem mais autoritários e rigorosos na criação dos filhos. O PBI encontra-se validado e adaptado para o Brasil (Teodoro *et al.*, 2010).

b) Escala de Autoestima de Rosenberg (1965): possui dez itens, sendo seis referentes a uma visão positiva de si mesmo e quatro referentes a uma visão autodepreciativa. As opções de resposta são “discordo”, “discordo totalmente”, “concordo” e “concordo totalmente”. A disposição dos itens no formato *Likert* de quatro pontos foi realizada para facilitar a compreensão dos adolescentes. O instrumento encontra-se validado (Hutz & Zanoni 2011).

c) Questionário sociodemográfico: questionário semiestruturado com objetivo de recolher informações para a caracterização da amostra. É constituído por oito itens, tais como sexo, idade, com quem moram, renda familiar, quantidade de membros da família e escolaridade dos pais.

Procedimentos

Para a seleção da amostra, optou-se pela utilização de métodos não probabilísticos para a escolha dos participantes, dado que estes tinham que participar voluntariamente e frequentar o terceiro ano do ensino médio da rede pública. A escolha do terceiro ano deu-se levando em

consideração a escala PBI que avalia a percepção do relacionamento com os pais pela percepção dos adolescentes até os seus 16 anos.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEP) (3.538.266), os dados foram coletados em horários adequados e que não implicassem a alteração das atividades letivas. Assim, a aplicação do questionário foi realizada no mês de setembro do ano de 2019, em sala de aula com a presença das autoras do presente estudo. Desse modo, foi possível explicar e informar aos participantes acerca dos objetivos da investigação, a importância da sua colaboração, bem como esclarecer as possíveis dúvidas quanto ao preenchimento. Para a coleta dos dados, os responsáveis assinaram previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os adolescentes assinaram o Termo de Assentimento (TA), com o intuito de obter o consentimento informado dos participantes.

Análise de dados

Para análises de inferências acerca dos questionários, foram utilizadas análises estatísticas que foram executadas no *software* R (Team, 2018). Primeiramente, obtiveram-se as estatísticas descritivas relacionadas às variáveis socioeconômicas. Posteriormente, os questionários de autoestima e o PBI foram relacionados com as variáveis socioeconômicas por meio da soma dos escores das variáveis que caracterizavam a autoestima, superproteção e cuidado. Para utilizar essa análise, é necessário que as variáveis atendam às pressuposições de normalidade e homogeneidade de variância. Tais pressuposições podem ser verificadas pelo teste de Shapiro-wilk, que examina a normalidade das variáveis por meio do teste da hipótese de nulidade H_0 : a variável possui distribuição normal, e o teste de Bartlett, que testa a hipótese de nulidade H_0 : as variâncias são homogêneas (Ribeiro, 2013).

Atendidas as pressuposições, a análise de variância testou a hipótese de nulidade $H_0: \mu_1 = \dots = \mu_n$, em que n é o número de níveis da variável que está sendo testada. Sendo assim, se H_0 não for rejeitada, há indícios para dizer que a média desses níveis são iguais; e, se for rejeitada, há indícios para dizer que pelo menos uma média difere das demais. Nos casos de rejeição, o teste de Tukey verificou, com 5% ($p < 0,05$) de significância, quais níveis possuíram médias estatisticamente maiores e quais níveis possuíram médias estatisticamente iguais.

Nos casos em que as pressuposições da análise de variância não foram atendidas, utilizou-se o teste não paramétrico Kruskal-wallis. Por fim, a autoestima foi relacionada com a superproteção e os cuidados do pai e da mãe por meio da correlação de Pearson.

RESULTADOS

Das variáveis sociodemográficas em sua comparação com o nível de autoestima dos adolescentes (tabela 1), foi observada a predominância de participantes com 18 anos (n=31; 73,81%), e do gênero feminino (n=22; 52,28%). Em relação à configuração familiar, prevaleceram-se participantes que moram com os pais (n=29 e 69,05%), apresentando uma menor quantidade para aqueles que não moram com os pais (n=3 e 7,14%). Em relação à escolaridade dos pais, foi possível observar maior destaque no nível fundamental, sendo os pais (n=23; 54,76%) e as mães (n=17; 40,48%). Em relação às variáveis sociodemográficas e autoestima, não se obteve diferenças de significância estatísticas entre elas.

Tabela 1. Análise das variáveis sociodemográficas comparadas com a autoestima dos adolescentes.

Variáveis	Níveis	n	%	Média	DP	p
Gênero	Feminino	22	52,38	25,27	5,50	0,18
	Masculino	20	47,62	27,65	6,01	
Raça	Branco	20	47,62	27,8	6,07	0,30
	Negro	5	11,90	26,2	5,72	
	Pardo	17	40,48	24,82	5,42	
Idade	17 anos	11	26,19	17,50	0,50	0,35
	18 anos	31	73,81			
Contexto familiar	Mora com a mãe	6	14,29	26,16	5,75	0,15
	Mora com a mãe e o pai	29	69,05	26,89	5,91	
	Mora com o pai	4	9,52	28,5	6,27	
	Não mora com os pais	3	7,14	19,33	4,25	
Renda familiar	Até um salário mínimo	2	4,76	17,5	3,71	0,15
	De 1,5 - 2 salários mínimos	18	42,86	26,61	5,64	
	De 1 - 1,5salários mínimos	4	9,52	29	6,14	
	Mais de dois salários	16	38,10	26,12	5,53	
	Não respondeu	2	4,76	30,5	6,46	
Número de membros familiares	De três a seis pessoas	25	59,52	25,73	5,78	0,53
	De uma a três pessoas	13	30,95	28	6,29	
	Mais de seis pessoas	3	7,14	25,66	5,76	
	Não respondeu	1	2,38	2,38	0,53	

Nível de escolaridade do pai	Ensino fundamental	23	54,76	27,21	6,02	0,50
	Ensino médio	11	26,19	24,72	5,47	
	Ensino superior	5	11,90	28	6,19	
	Sem escolaridade	3	7,14	23,66	5,23	
Nível de escolaridade da mãe	Ensino fundamental	17	40,48	26,17	5,92	0,90
	Ensino médio	16	38,10	25,93	5,87	
	Ensino superior	7	16,67	27,85	6,31	
	Sem escolaridade	2	4,76	27	6,11	

*Teste Shapiro-wilk e Bartlett

Posteriormente, foi realizada a análise estatística de cada item do questionário PBI que avaliou conjuntamente o cuidado e a superproteção tanto do pai quanto da mãe. Na análise dos itens dos questionários, notou-se uma diferença significativa em 11 itens, sendo sete itens referentes à escala de cuidado, que são “Falava comigo com uma voz meiga e amigável” ($p=0,02$), “Parecia compreender meus problemas e preocupações” ($p=0,04$), “Era carinhoso(a) comigo” ($p=0,04$), “Fazia com que eu sentisse que não era querido” ($p=0,01$), “Podia me fazer sentir melhor quando eu estava chateado” ($p=0,00$), “Não conversava muito comigo” ($p=0,01$), “Não me elogiava” ($p=0,00$); e quatro itens referentes à escala de superproteção, que são “Dava-me tanta liberdade quanto eu queria” ($p=0,00$), “Deixava-me sair tão frequentemente quanto eu queria” ($p=0,05$), “Era superprotetor(a) comigo” ($p=0,00$) e “Deixava-me vestir de qualquer jeito que eu desejasse” ($p=0,00$). Ver tabela 2.

Tabela 2. Análise dos itens do questionário PBI relativos à percepção do adolescente quanto à mãe e ao pai.

Itens do PBI	Mãe			Pai			P
	Média	DP	Soma	Média	DP	Soma	
Falava comigo com uma voz meiga e amigável	3,10	0,79	130	2,05	0,99	86	0,02*
Não me ajudava tanto quanto eu necessitava	3,14	1,12	132	2,86	1,14	120	0,16
Deixava-me fazer as coisas que eu gostava de fazer	2,19	1,04	92	2,40	1,01	101	0,27
Parecia emocionalmente frio comigo	3,29	0,81	138	2,55	1,02	107	0,24

Parecia compreender meus problemas e preocupações	2,81	1,04	118	2,10	1,05	88	0,04*
Era carinhoso(a) comigo	3,36	0,96	141	2,52	0,97	106	0,04*
Gostava que eu tomasse minhas próprias decisões	2,07	0,89	87	2,24	1,05	94	0,58
Não queria que eu crescesse	2,33	1,22	98	2,21	1,09	93	0,25
Tentava controlar todas as coisas que eu fazia	2,33	0,95	98	2,48	1,06	104	0,52
Invadia minha privacidade	2,12	1,11	89	2,02	1,28	85	0,67
Gostava de conversar sobre as coisas comigo	3,10	0,97	127	2,21	1,09	93	0,05
Frequentemente sorria para mim	3,21	0,95	135	2,48	1,13	104	0,18
Tendia a me tratar como bebê	2,37	1,04	97	1,79	1,14	75	0,68
Parecia não entender o que eu necessitava ou queria	2,74	1,04	115	2,26	1,08	95	0,03*
Deixava que eu decidisse coisas por mim mesmo	2,19	0,86	92	2,31	1,02	97	0,06
Fazia com que eu sentisse que não era querido	3,40	0,91	143	3,00	1,01	126	0,01*
Podia me fazer sentir melhor quando eu estava chateado	3,14	0,98	132	2,48	1,17	104	0,00*
Não conversava muito comigo	3,19	1,02	134	2,36	1,12	99	0,01*
Tentava me fazer dependente dele(a)	2,14	0,93	90	2,26	0,83	95	0,45
Ele(a) sentia que eu não poderia cuidar de mim mesmo ao menos que ele estivesse por perto	2,19	0,97	92	2,07	0,84	87	0,23
Dava-me tanta liberdade quanto eu queria	2,62	0,88	110	2,67	0,85	112	0,00*
Deixava-me sair tão frequentemente quanto eu queria	2,57	0,91	108	2,74	0,89	115	0,05*
Era superprotetor(a) comigo	2,88	0,83	121	2,50	1,02	105	0,00*
Não me elogiava	3,14	0,81	132	2,74	0,94	115	0,00*

Deixava-me vestir de qualquer jeito que eu desejasse	2,43	0,97	102	2,57	0,91	108	0,00*
---	------	------	-----	------	------	-----	-------

*Teste Kruskal-Wallis

A Tabela 3 segue com a média da soma dos itens dos questionários PBI que se referem ao cuidado e à superproteção. Testes estatísticos foram feitos comparando a superproteção e o cuidado dentro de cada variável sociodemográficas. Verificou-se que a variável “gênero” foi significativa quanto à superproteção do pai em relação à filha (32,68a). Também, a variável “renda familiar” foi significativa quanto ao cuidado do pai, tendo relevância para os pais que recebem até um salário mínimo (16,50b) e os pais que recebem de um a um e meio salários mínimos (34,25a).

Tabela 3. Médias das somas dos itens do questionário PBI comparado com as variáveis sociodemográficas.

		Superproteção		Cuidado	
Variáveis	Níveis	Pai	Mãe	Pai	Mãe
Gênero	Feminino	32,68a	29,40	29,27	38,04
	Masculino	27,70b	31,45	29,95	37,00
Raça	Branco	31,30	33,45	30,50	37,35
	Negro	32,20	27,00	31,20	42,60
	Pardo	28,47	27,76	28,05	36,29
Idade	17 anos	28,36	27,72	27,18	37,45
	18 anos	30,93	31,32	30,45	37,58
Contexto familiar	Mora com a mãe	26,66	30,16	34,83	40,83
	Mora com a mãe e o pai	30,06	30,68	29,00	37,68
	Mora com o pai	36,75	33,00	33,00	39,00
	Não mora com os pais	30,66	24,33	20,33	27,66
Renda familiar	Até um salário mínimo	29,00	40,00	16,50 b	26,00
	De 1-1,5salários mínimos	27,75	26,00	34,25 a	40,00
	De 1,5-2 salários mínimos	31,61	31,00	26,66 ab	36,77
	Mais de dois salários	29,43	29,50	32,43 ab	38,87
	Não respondeu	31,00	31,00	37,00 a	40,50
	De três a seis pessoas	32,00	29,76	28,88	37,53
	De uma a três pessoas	26,33	31,33	30,08	38,50

Número de membros familiar	Mais de seis pessoas	32,00	27,00	33,33	34,66
	Não respondeu	27,00	45,00	31,00	35,00
Nível de escolaridade do pai	Ensino fundamental	32,13	30,47	29,21	38,73
	Ensino médio	26,81	27,72	29,63	34,72
	Ensino superior	29,60	30,80	32,60	36,40
	Sem escolaridade	29,66	38,66	27,33	40,66
Nível de escolaridade da mãe	Ensino fundamental	30,05	31,17	26,52	35,76
	Ensino médio	30,68	28,75	31,18	38,62
	Ensino superior	28,85	31,42	32,00	37,14
	Sem escolaridade	33,50	33,00	34,50	45,50

**a,b* diferença estatística entre as médias em que *a* é a maior média, *b* é a menor média e *ab* não difere estatisticamente nem de *a* nem de *b* do teste Tukey. Teste Kruskal-Wallis.

Por fim, na Tabela 4 são apresentadas as correlações de Pearson entre a soma dos escores de autoestima e a soma dos escores das percepções de cuidado e superproteção. As correlações entre cuidado do pai e autoestima e cuidado da mãe e autoestima foram positivas e estatisticamente significativas ($p=0,00$).

Tabela 4. Escores de superproteção e cuidados correlacionados com a variável autoestima

Variáveis		Estimativa	P
Pai	Superproteção	-0.2476127	0.11
	Cuidado	0.4058481	0.00*
Mãe	Superproteção	-0.2114178	0.17
	Cuidado	0.4706363	0.00*

*Correlação de Pearson

DISCUSSÃO

Mediante os dados obtidos na comparação entre as práticas parentais e a autoestima em adolescentes, obteve-se uma associação significativa em relação aos itens do questionário que equivalem à escala do cuidado, tanto em relação ao cuidado parental do pai quanto da mãe. Os cuidados parentais têm como elementos fundamentais a emoção e a afetividade. Nas interações sociais, esses aspectos desempenham um papel relevante, sendo por meio dessas experiências que o infante aprende sobre si mesmo e os outros, trazendo repercussões diretas no desenvolvimento infantil (Mendes & Pessoa, 2013).

As práticas parentais podem ser compreendidas como agrupamento de vários comportamentos dos pais no intuito de educação e socialização dos filhos; a relação entre os pais e os filhos é extremamente significativa, pois auxilia no senso de segurança, autoestima e bem-estar, contribuindo para desenvolvimento global do indivíduo, sendo considerada um fator de proteção ou risco (Böing & Crepaldi, 2016). Tais práticas parentais podem ser divididas em positivas ou negativas: as consideradas positivas envolvem comportamento de monitoria, atenção, carinho, regras e limites; e as consideradas negativas incluem comportamentos como abuso, rigidez, ausência de atenção e afeto, humilhações e negligência (Patias, Siqueira & Dias, 2013).

Pelos resultados alcançados, evidenciou-se a importância das práticas parentais positivas. Por meio das questões que abordam o cuidado do questionário PBI, demonstrou-se uma significância para os tópicos de atenção e comunicação afetiva, o que foi possível observar nos itens, como “Falava comigo com uma voz meiga e amigável”, “Parecia compreender meus problemas e preocupações”, “Parecia não entender o que eu necessitava ou queria”, “Não conversava muito comigo”, enfatizando a importância da comunicação afetiva e assertiva dos pais com seus filhos. Dentro de uma prática parental positiva, tem-se esse aspecto como um ponto essencial, a fim de que os pais consigam compreender as necessidades dos filhos, mantendo um diálogo com eles (Comodo, Del Prette & Del Prette, 2017).

Foi possível observar, também, a significância das questões relacionadas à demonstração de afeto dos pais. Dentre elas, pode-se destacar os itens: “Era carinhoso comigo”, “Fazia com que eu sentisse que não era querido”, “Podia me fazer sentir melhor quando eu estava chateado”, “Não me elogiava”. Esses aspectos evidenciam a importância do carinho nas relações parentais, por meio de atitudes que expressem sentimento e afetividade, fazendo com

que a criança se sinta amada e valorizada pelos pais e pelos outros e auxiliando, futuramente, em uma autopercepção positiva (Comodo *et al.*, 2017).

Segundo Rosenberg (1965), a autoestima compõe o núcleo periférico do bem-estar e é diretamente influenciada pela visão de controle e apoio social recebido. Como observado nos dados obtidos pelo PBI e pela Escala de Rosenberg, é possível constatar que os adolescentes que tiveram dos pais, maiores manifestações de afeto, cuidado e diálogo, também manifestaram maior nível de autoestima.

Com relação ao nível da autoestima, não se verificou significância quando comparada com o gênero. Esse resultado está de acordo com as conclusões encontradas em outras pesquisas. Como descrito por Hutz e Zanon (2011), no estudo de adaptação psicométricas da Escala de Rosenberg, as diferenças entre o nível da autoestima e o gênero vêm sendo alvos de estudos, porém essas diferenças não foram afirmadas. O que se tem definido é que as origens da autoestima se diferem dependendo do sexo; enquanto nas meninas ela sofre maior influência dos relacionamentos, nos meninos é o sucesso de seus objetivos que mais influencia. Esse resultado também foi evidenciado na pesquisa de Paixão, Patias & Dell’Agilo (2018), em que, comparada a autoestima em relação ao sexo e idade, não indicou diferença, demonstrando, assim, que as relações entre diferenças de gênero e autoestima devem ser tratadas de maneira pontuais e contextuais.

Por meio dos dados obtidos no questionário sociodemográfico, foi possível observar a prevalência da constituição familiar composta por pai e mãe, mostrando que o modelo tradicional de família ainda permanece nos participantes da pesquisa; contudo essa variável não demonstrou influência quando comparada com a autoestima e com as práticas parentais. Assim como encontrado no estudo de Leme, Del Prette e Coimbra (2013), que buscou analisar as práticas parentais maternas em adolescentes de diferentes configurações familiares, mostrou-se que as configurações familiares não influenciam nas práticas parentais das mães e nas suas habilidades com os filhos, demonstrando que a forma como a família se constitui não é um fator que prejudique os cuidados dos filhos. O estudo de Paixão *et al.* (2018), que investigou a relação entre os sintomas de transtornos mentais e autoestima de adolescentes, associado com as variáveis de sexo, idade e configuração familiar, também corroborou com resultados encontrados, em que os tipos de configurações familiares não apresentaram associação significativa com a autoestima dos adolescentes, mostrando que a configuração familiar não influencia nessa variável.

As mudanças ocorridas nas configurações familiares e sociais levam a mudanças nos papéis dos genitores. O pai que antes ocupava o papel de provedor, hoje tem se inserido cada

vez mais no cuidado dos filhos, estando mais envolvido com as questões familiares e educação destes (Vieira *et al.*, 2014). O homem, no desempenho da parentalidade, tende a exercer práticas de maior controle e superproteção em relação aos filhos, diferente da mulher que está atrelada às funções de cuidado e afetividade. O exercício desses papéis pode ser explicado pela biologia, pela teoria da evolução, em que esses aspectos estiveram presentes desde a origem das espécies e foram perpetuados (Martins, Abreu & Figueiredo, 2014). Os resultados obtidos nos questionários também enfatizaram que o pai tende a ser mais superprotetor em relação aos filhos, principalmente com as meninas.

Alguns fatores influenciam na adoção de determinadas práticas parentais, como as crenças e ideias relacionadas à cultura, ao contexto em que estão inseridos, condições de vida (salário, desemprego), fatores familiares (dimensão da família, número de filhos), rede de apoio, dentre outros, que contribuem diretamente para a escolha das estratégias educativas que irão utilizar (Patias *et al.*, 2013). Mediante as informações coletadas na pesquisa, os pais com menores salários tendem a ter menor cuidado com os filhos, enquanto os pais com maiores salários apresentavam maiores cuidados em relação a eles, demonstrando ser esse um fator significativo quando se trata das práticas de cuidado.

Em relação às práticas parentais e principalmente às práticas que envolvem o cuidado, as quais na pesquisa demonstraram significância em relação à autoestima dos adolescentes, mostra-se a importância de práticas que auxiliam nessa interação entre pais e filhos. A Psicologia tende a contribuir por meio de programas de treinamentos com os pais, trabalhando de uma forma preventiva ou interventiva para auxiliar nos manejos de situações difíceis. Como descrito por Guisso, Bolze & Vieira (2019), que, em seus estudos objetivaram caracterizar os programas de treinamentos de mães e pais, mostrando que esse treinamento tem se desenvolvido com intuito de intensificar as práticas parentais positivas. No estudo, os pais avaliados mostraram-se satisfeitos com o programa e alcançaram melhoras significativas em relação às suas condutas frente aos filhos, além de mudanças nos comportamentos da criança, concluindo, com isso, que os programas de treinamento parental contribuem para os pais desenvolverem e aprenderem novas habilidades de socialização com os filhos, bem como estratégias de imposição de limites e regras para alguns comportamentos, como uma forma de auxiliar na criação de um lugar de cuidado, base fundamental para garantir uma infância segura.

CONCLUSÃO

Os resultados desta pesquisa demonstraram que as práticas parentais de cuidado e superproteção têm grande influência no desenvolvimento da autoestima dos adolescentes, principalmente as práticas referentes ao cuidado. As práticas positivas, como atenção, carinho, comunicação assertiva, contribuem para um melhor desenvolvimento do indivíduo, auxiliando para que este tenha uma boa autoimagem, autoconceito e segurança no meio social. As práticas negativas, como negligência, rigidez, humilhação, falta de cuidado e afetividade, colaboram para que o indivíduo se torne inseguro, antissocial e com baixa autoestima. Os dados demonstraram também que as configurações familiares não interferem negativamente em relação ao nível de cuidado e autoestima, porém o nível de renda familiar e a superproteção do pai em relação aos filhos mostraram-se significantes, destacando que os pais com renda familiar até um salário tendem a ter um cuidado menor daqueles que recebem mais de um salário, e que os pais têm uma maior superproteção, principalmente em relação às filhas.

Assim sendo, cabe assinalar a importância de a Psicologia trabalhar com o treinamento de pais e cuidadores, referente às práticas parentais utilizadas por eles, e apontar como estas influenciam no bom desenvolvimento de seus filhos. Ao melhorar as práticas parentais desses pais, serão prevenidos desdobramentos negativos para o desenvolvimento do infante, assim como também poderão produzir autoconfiança e diminuição do estresse parental.

REFERÊNCIAS

- Bento, V. F. V. (2014). *Vinculação, memórias de cuidados parentais e autoestima em adultos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal.
- Böing, E., & Crepaldi, M. A. (2016). Relação pais e filhos: Compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. *Educar em Revista*, 1(59), 17-33.
- Bowlby, J. (2009). *Apego: a natureza do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Comodo, C. N., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2017). Intergeracionalidade das habilidades sociais entre pais e filhos adolescentes. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 33(1), 1-9.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Guisso, L., Bolze, S. D. A., & Viera, M. L. (2019). Práticas parentais positivas e programas de treinamento parental: uma revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos*, 12(1), 226-255.
- Gutierrez, D., M., D., Castro, E., H., B., & Pontes, K., D., S. (2011). Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. *Revista do NUFEN*, 3(2), 3-24.
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenber. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 41-49.
- Leme, V. B., Del Prette, A., & Coimbra, S. (2013). Práticas educativas parentais e habilidades sociais de adolescentes de diferentes configurações familiares. *Psico*, 44(4), 560-570.
- Maia, F. A., & Soares, A. B. (2019). Diferenças nas práticas parentais de pais e mães e a percepção dos filhos adolescentes. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(1), 59-82.
- Martins, C. A., Abreu, W. J. C. P. D., & Figueiredo, M. D. C. A. B. (2014). Tornar-se pai e mãe: um papel socialmente construído. *Revista de Enfermagem Referência*, 1(2), 121-131.
- Mendes, D. M. L. F., & Pessoa, L. F. (2013). Comunicação afetiva nos cuidados parentais. *Psicologia em Estudo*, 18(1), 15-25.

- Mendes, L. S. & Dias M. L. V. (2018). Relação entre estilos educativos parentais, confiança interpessoal e vinculação na adolescência. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 19(1), 136-143.
- Oliveira, M., E., Siqueira, A., C., & Zandonadi, A., C. (2017). A importância do afeto materno através do toque para o desenvolvimento saudável da criança. *Revista farol*, 3(3), 97-110.
- Osti, N. M. D., & Sei, M. B. (2016). A importância da família na clínica infantil: um ensaio teórico-clínico. *Temas em psicologia*, 24(1), 145-157.
- Paixão, R. F., Patias, N. D., & Dell'Aglio, D. D. (2018). Autoestima e Sintomas de Transtornos Mentais na Adolescência: Variáveis Associadas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34(1), 1-8.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Parker, G., Tupling, H., & Brown, L. B. (1979). A parental bonding instrument. *British journal of medical psychology*, 52(1), 1-10.
- Patias, N. D., Siqueira, A. C., & Dias, A. C. G. (2013). Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Mudanças–Psicologia da Saúde*, 21(1), 29-40.
- Rangel, P. (2018). *A influência da autoestima, do bem-estar no trabalho e do engajamento no desempenho individual*. Dissertação de mestrado, Universidade FUMEC, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Ribeiro, J. I. Jr. (2013). *Análises Estatísticas no Excel: Guia prático*. Viçosa: Editora UFV.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton: Princeton university press.
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36-52.
- Team, R. C. (2018). R: A Language and Environment for Statistical Computing. *Dim (ca533)*, 1(1358), 34.

Teodoro, M. L. M., Benetti, S. P. C., Schwartz, C. B., & Mônico, B. G. (2010). Propriedades psicométricas do Parental Bonding Instrument e associação com funcionamento familiar. *Avaliação Psicológica*, 9(2), 243-251.

ANEXOS**Questionário sociodemográfico****1- Gênero**

☐ Masculino ☐ Feminino

2- Idade

☐ Menor de 16 anos ☐ 16 anos ☐ 17 anos ☐ 18 anos ☐ acima de 18 anos

3- Raça

☐ Branca ☐ Parda ☐ Negra ☐ Asiática ☐ Outros _____

4- Contexto familiar

☐ Mora com pais (mãe e pai) ☐ Mora com a mãe ☐ Mora com pai
☐ Mora com outro (tio, avos, etc)

5- Renda Familiar

☐ Até um salário mínimo ☐ De 1 e ½ a 2 salários mínimos
☐ De um salário mínimo a 1 e ½ ☐ Mais de 2 Salários

6- Qual o número de membros da sua família?

☐ De uma a três pessoas ☐ De três a seis pessoas ☐ Mais de seis pessoas

7- Nível de escolaridade do pai

☐ Sem escolaridade ☐ Ensino fundamental 1º grau ☐ Ensino médio 2º graus
☐ Ensino superior

8- Nível de escolaridade da mãe

☐ Sem escolaridade ☐ Ensino fundamental 1º grau ☐ Ensino médio 2º graus
☐ Ensino superior

Parental Bonding Instrument (PBI)

Este questionário lista várias atitudes e comportamentos dos pais. Conforme você se lembra da sua MÃE/PAI até os seus 16 anos, faça uma marca no parêntese mais apropriado ao lado de cada afirmativa.

1. Falava comigo com uma voz meiga e amigável.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
2. Não me ajudava tanto quanto eu necessitava.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
3. Deixava-me fazer as coisas que eu gostava de fazer.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
4. Parecia emocionalmente frio comigo.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
5. Parecia compreender meus problemas e preocupações.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
6. Era carinhoso(a) comigo.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
7. Gostava que eu tomasse minhas próprias decisões.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
8. Não queria que eu crescesse.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
9. Tentava controlar todas as coisas que eu fazia.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
10. Invadia minha privacidade.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
11. Gostava de conversar sobre as coisas comigo.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
12. Frequentemente sorria para mim.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
13. Tendia a me tratar como bebê.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
14. Parecia não entender o que eu necessitava ou queria.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
15. Deixava que eu decidisse coisas por mim mesmo.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
16. Fazia com que eu sentisse que não era querido(a).
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
17. Podia me fazer sentir melhor quando eu estava chateado.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
18. Não conversava muito comigo.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente

19. Tentava me fazer dependente dele(a).
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
20. Ele(a) sentia que eu não poderia cuidar de mim mesmo, a menos que ele(a) estivesse por perto.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
21. Dava-me tanta liberdade quanto eu queria.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
22. Deixava-me sair tão frequentemente quanto eu queria.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
23. Era superprotetor(a) comigo.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
24. Não me elogiava.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente
25. Deixava-me vestir de qualquer jeito que eu desejasse.
(1) Muito parecido (2) Moderadamente parecido (3) Moderadamente diferente (4) Muito diferente

Escala de Autoestima de Rosenberg

Leia cada frase com atenção e faça um círculo em torno da opção mais adequada

1. Eu sinto que sou uma pessoa de valor, no mínimo, tanto quanto as outras pessoas.
(1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente
2. Eu acho que eu tenho várias boas qualidades.
(1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente
3. Levando tudo em conta, eu penso que sou um fracasso.
(1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente
4. Eu acho que sou capaz de fazer as coisas tão bem quanto a maioria das pessoas.
(1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente
5. Eu acho que eu não tenho muito do que me orgulhar.
(1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente
6. Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo.
(1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente
7. No conjunto, eu estou satisfeito comigo.
(1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente
8. Eu gostaria de ter mais respeito por mim mesmo.
(1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente
9. Às vezes eu me sinto inútil.
(1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente
10. Às vezes eu acho que não presto pra nada.
(1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/RESPONSÁVEIS

Influência das praticas parentais para o desenvolvimento da autoestima em adolescentes

Pesquisadores: José Dionísio de Paula Júnior, Angélica Vieira da Silva e Daniela de Souza Araújo

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“Influência das práticas parentais para o desenvolvimento da autoestima em adolescentes”**. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é compreender a relação entre as práticas parentais e a formação da autoestima dos adolescentes. Nesta pesquisa pretendemos verificar a influência das práticas parentais na autoestima dos adolescentes.

Caso você concorde na participação do menor vamos fazer as seguintes atividades com ele **“APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO PARENTAL BONDING INSTRUMENT (PBI) E ESCALA DE AUTOESTIMA DE ROSENBERG (EAR)”**. Durante a participação da pesquisa estaremos dispostos a esclarecer dúvida, orientar e ficar atentos a qualquer desconforto durante a aplicação do questionário, como constrangimento, vergonha ou cansaço, que são os principais riscos presentes nessa pesquisa. A pesquisa pode ajudar na compreensão de quais práticas parentais trazem maior benefício para o desenvolvimento da autoestima.

Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade e você não irão ter nenhum custo, nem receberão qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se o menor tiver algum dano por causa das atividades que fizemos com ele nesta pesquisa, ele tem direito a indenização.

Ele terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você como responsável pelo menor poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. Mesmo que você queira deixá-lo participar agora, você pode voltar atrás e parar a participação a qualquer momento. A participação dele é voluntária e o fato em não deixá-lo participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que ele é atendido. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. O menor não será identificado em nenhuma publicação. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na

pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos com para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. Declaro que concordo em deixá-lo participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Ubá, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do (a) Responsável

Assinatura do (a) Pesquisador (a) Responsável

Contato Pesquisador:

José Dionísio de Paula Júnior
Rua Lincoln Rodrigues Costa, 165
Rua Alencar Carneiro Viana 189,101
B. Vitória – Ubá/MG
CEP: 36500-248
E-mail: dionisiodepaula@yahoo.com.br
Fone: (32) 999896172

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Influência das praticas parentais para o desenvolvimento da autoestima em adolescentes

Pesquisadores: José Dionísio de Paula Júnior, Angélica Vieira da Silva e Daniela de Souza Araújo

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário(a) da pesquisa **“Influência das práticas parentais para o desenvolvimento da autoestima em adolescentes”**. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é compreender a relação entre as práticas parentais e a formação da autoestima dos adolescentes. Nesta pesquisa pretendemos verificar a influência das práticas parentais na autoestima dos adolescentes.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você **“APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO PARENTAL BONDING INSTRUMENT (PBI) E ESCALA DE AUTOESTIMA DE ROSENBERG (EAR)”**. Durante a participação da pesquisa estaremos dispostos a esclarecer dúvida, orientar e ficar atentos a qualquer desconforto durante a aplicação do questionário, como constrangimento, vergonha ou cansaço, que são os principais riscos presentes nessa pesquisa. A pesquisa pode ajudar na compreensão de quais práticas parentais trazem maior benefício para o desenvolvimento da autoestima.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido(a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você.

Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos com para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do

Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Ubá, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do (a) menor

Assinatura do (a) Pesquisador (a) Responsável

Contato Pesquisador:

José Dionísio de Paula Júnior

Rua Alencar Carneiro Viana 189,101

B. Vitória – Ubá/MG

CEP: 36500-248

dionisiodepaula@yahoo.com.br

Fone: (32) 999896172